

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CAMPUS A.C SIMÕES
FACULDADE DE LETRAS
CURSO LETRAS-PORTUGUÊS

A VOZ DA OPRESSÃO NO CONTO MARIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maceió

2024

MARIA BEATRIZ LACERDA DE ALENCAR

A VOZ DA OPRESSÃO NO CONTO MARIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras-Português (FALE), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial à obtenção de licenciatura em Letras - Português.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Edileuza da Costa

Maceió

2024

MARIA BEATRIZ LACERDA DE ALENCAR

A VOZ DA OPRESSÃO NO CONTO MARIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em XX (dia) de julho de 2024.

Documento assinado digitalmente
 MARIA EDILEUZA DA COSTA
Data: 27/01/2025 14:46:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Maria Edileuza da Costa – Ufal -UERN
Orientadora

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 VANUSIA AMORIM PEREIRA DOS SANTOS
Data: 25/01/2025 11:32:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Dra. Vanusia Amorim Pereira dos Santos - Ifal
(Examinador(a) Externo(a))

Documento assinado digitalmente
 JOSE CARLOS REDSON
Data: 25/01/2025 12:31:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. José Carlos Redson UERN
(Examinador(a) Externo)

Maceió

2024

RESUMO

O artigo examina a obra da escritora Conceição Evaristo, destacando sua importância e impacto na luta contra o racismo, o machismo e a desigualdade social no Brasil contemporâneo. Evaristo utiliza um estilo literário inovador e poderoso para dar voz às histórias das mulheres negras das classes populares, frequentemente silenciadas pela sociedade. A introdução do artigo aborda a crescente relevância de sua produção literária, cuja recepção transcende fronteiras nacionais e culturais. A escritora adota o conceito de "escrevivência" para construir narrativas que entrelaçam experiências pessoais e coletivas, revelando a dura realidade das opressões enfrentadas por mulheres negras. O desenvolvimento do artigo inicia-se com uma discussão sobre as múltiplas formas de opressão presentes na sociedade brasileira, especialmente aquelas relacionadas a gênero, raça e classe. Dados do *Atlas da Violência* são utilizados para ilustrar a gravidade dessas desigualdades, enquanto referências a Abdias do Nascimento e Angela Davis contextualizam o racismo estrutural e a dificuldade de erradicar tais opressões. Nas considerações finais, os escritos de Evaristo são apresentados como testemunhos das violências e injustiças enraizadas no racismo. Suas narrativas constituem atos de resistência e registros históricos que conectam memórias individuais e coletivas, promovendo a dignidade e a justiça social para as mulheres negras.

Palavras-Chave: Escrevivência. Feminismo negro. Literatura. Racismo estrutural.

ABSTRACT

The article examines the work of writer Conceição Evaristo, highlighting its importance and impact in the fight against racism, sexism, and social inequality in contemporary Brazil. Evaristo employs an innovative and powerful literary style to give voice to the stories of black women from the lower classes, who are often silenced by society. The introduction of the article addresses the growing relevance of Evaristo's work, whose reception transcends national and cultural boundaries. The writer adopts the concept of "escrevivência" to construct narratives that intertwine personal and collective experiences, bringing to light the harsh realities of the oppressions faced by black women. The development of the article begins by discussing the multiple oppressions present in Brazilian society, particularly those related to gender, race, and class. Data from the Atlas of Violence illustrate the severity of these inequalities, while references to Abdias do Nascimento and Angela Davis contextualize structural racism and the difficulty of eradicating these oppressions. In the final considerations, Evaristo's writings are presented as testimonies of the violence and injustices rooted in racism. Evaristo's narratives are acts of resistance and historical documents that connect individual and collective memories, promoting dignity and social justice for black women.

Keywords: Black feminism. Literature. Structural racism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
2 DESENVOLVIMENTO.....	08
2.1 Brasil e a opressão na sociedade.....	08
2.2 Feminismo e a Literatura.....	09
2.3 A voz da opressão no conto Maria de Conceição Evaristo.....	11
2.4 Contos “Olhos d’água” e “Maria”	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS	17

INTRODUÇÃO

A literatura de Conceição Evaristo tem conquistado um público cada vez maior, evidenciando a força de sua escrita ao abordar questões sociais que (re)surgem com intensidade na contemporaneidade, como as lutas contra o racismo, o machismo e os privilégios de classe. A recepção da obra de Evaristo destaca-se por atrair um público diverso, de diferentes idades, etnias, gêneros e até de outros países, com suas obras traduzidas para o italiano, francês, árabe, entre outras línguas.

Uma das características mais marcantes da escrita de Evaristo é sua habilidade em revelar realidades há muito silenciadas. A autora faz isso com maestria, construindo ficções que dialogam com experiências tanto individuais quanto coletivas, vividas por indivíduos e grupos subalternizados. Frequentemente, leitores de sua obra relatam sentir-se impactados, transformados e com suas vidas ressignificadas.

Outro aspecto notável na escrita de Evaristo é sua linguagem inovadora. A escritora desafia e (con)funde normas tradicionais dos gêneros literários, desestabilizando paradigmas do conto, do romance e do poema. Desde a construção do conceito de escrevivência, na década de 1990, em sua dissertação de mestrado, Evaristo tem produzido obras ensaísticas, ficcionais e poéticas que imprimem uma forte perspectiva feminina, abalando as bases de uma sociedade historicamente narrada pelo olhar patriarcal.

Esse protagonismo feminino trazido pela autora revela realidades silenciadas ao longo do tempo, frequentemente colocando no centro da narrativa mulheres negras das classes populares. A pesquisadora Constância Duarte explica:

Em suas produções, Conceição constrói uma perspectiva que se fortalece no protagonismo feminino, pois é do seu ponto de vista que as histórias são contadas. Se, geralmente, nos textos assinados por mulheres costuma predominar a busca de identidade nas personagens, Evaristo trabalha incessantemente questões relacionadas ao 'ser mulher' e ao 'estar no mundo', fortalecendo o sentimento de irmandade entre elas, com a peculiaridade de deixar marcado o seu lugar de fala enquanto negra, feminista, oriunda das classes populares (Duarte, 2020, p. 136).

Nesse contexto, ao refletir sobre os aspectos complexos da linguagem de Evaristo, encontramos o conceito de brutalismo poético, frequentemente mencionado pelo pesquisador Eduardo de Assis Duarte para descrever sua obra. É inegável a

habilidade da autora em construir cenas de violência, dor e sofrimento por meio de uma linguagem poética, o que torna sua escrita ainda mais impactante e poderosa.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Brasil e a opressão na sociedade

A realidade social do Brasil contemporâneo é marcada por múltiplas opressões historicamente construídas e perpetuadas. Entre essas opressões, destacam-se as de gênero, raça e classe, frequentemente evidenciadas em notícias sobre violências cotidianas. Ao analisar dados sobre o genocídio da população negra, o feminicídio e as condições precárias das camadas populares, a gravidade dessas opressões torna-se evidente.

Segundo o *Atlas da Violência* (2019), em 2018, 75,7% das vítimas de homicídio no Brasil eram negras, embora esse grupo representasse apenas 56% da população. A pesquisa também revelou que as mulheres negras são mais vitimadas do que as brancas: 68% das 4.519 vítimas de feminicídio em 2018 eram negras.

Essas desigualdades abismais entre grupos sociais no Brasil não são apenas um legado do passado, mas uma consequência direta dele, refletindo as mazelas deixadas pela escravidão e pela lógica patriarcal desde o período colonial.

Em sua obra *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado* (2016), Abdias do Nascimento realiza uma profunda reflexão sobre como o racismo no Brasil tem se perpetuado de maneira disfarçada, mantendo o genocídio do povo negro. Ele argumenta que o racismo brasileiro possui uma aparência mutável e polivalente, mas que o combate a ele exige uma luta constante e determinada contra todas as formas de racismo e genocídio, pois seu objetivo último é a obliteração dos negros como entidade física e cultural.

Apesar dessas denúncias, a maior parte da população brasileira ainda resiste em reconhecer que o Brasil é um país machista, racista e socioeconomicamente desigual. Essa negação da violência histórica contra negros, mulheres e pobres fortalece ainda mais essas opressões. Ângela, ao tratar do preconceito étnico-racial, destaca a dificuldade de erradicar o racismo, tão profundamente enraizado nas

estruturas sociais, e a necessidade de uma análise que vá além dos atos individuais de racismo, demandando reivindicações mais amplas (Davis, 2018, p. 32).

Embora Davis não estivesse se referindo especificamente ao Brasil, suas observações são extremamente relevantes para o contexto brasileiro.

O início do combate a essas opressões exige o reconhecimento de que elas estruturam a sociedade brasileira. Silvio de Almeida, ao discutir o racismo, afirma que ele é uma decorrência da própria estrutura social, não sendo uma patologia social ou um desarranjo institucional. O racismo é estrutural, permeando comportamentos individuais e processos institucionais, e faz parte de um processo social que parece ser herdado da tradição (Almeida, 2018, p. 38-39).

2.2 Feminismo e a Literatura

Constância Lima Duarte, em sua obra *Feminismo e Literatura no Brasil*, aborda a intersecção entre feminismo e literatura, analisando como as escritoras brasileiras têm explorado e expressado questões de gênero em suas obras. O livro oferece uma visão abrangente da evolução do feminismo literário no Brasil, destacando a importância do protagonismo feminino na construção de narrativas que desafiam as normas patriarcais.

Duarte começa discutindo o contexto histórico e social em que as primeiras escritoras brasileiras começaram a produzir suas obras. Ela observa que, no início, a literatura feminina estava profundamente marcada pelas restrições impostas pela sociedade patriarcal, limitando as possibilidades de expressão das mulheres. No entanto, ao longo do tempo, essas escritoras começaram a romper essas barreiras, criando obras que questionavam e subvertiam as normas tradicionais de gênero.

Uma das contribuições significativas de Duarte é sua análise detalhada do conceito de "escrevivência", criado por Conceição Evaristo. Esse termo combina escrita e vivência para descrever uma forma de narrativa que entrelaça a experiência pessoal com a coletiva, especialmente das mulheres negras e das classes populares. Duarte destaca que "em suas produções, Conceição constrói uma perspectiva que se fortalece no protagonismo feminino, pois é do seu ponto de vista que as histórias são contadas" (Duarte, 2020, p. 136). Essa abordagem permite que vozes marginalizadas

sejam ouvidas e reconhecidas, criando um espaço para a representação autêntica de suas vidas e lutas.

Duarte também explora como as escritoras feministas têm desafiado e reconfigurado os gêneros literários tradicionais. Ela argumenta que muitas dessas autoras têm usado a literatura como uma ferramenta para desconstruir os paradigmas patriarcais e explorar novas formas de expressão. "A escritora tem modificado e (con)fundido normas tradicionais que configuram os gêneros literários, desestabilizando os paradigmas em torno do conto, do romance e do poema" (Duarte, 2020, p. 150).

Esse movimento não apenas expande as fronteiras da literatura, mas também proporciona uma nova forma de compreensão e representação da experiência feminina.

Outro ponto central da obra é a discussão sobre a recepção da literatura feminista no Brasil. Duarte observa que, embora tenha havido resistência inicial, a literatura feminista tem ganhado crescente reconhecimento e aceitação. "A autora tem conquistado um público diverso, de várias idades, etnias, sexos e até países, já que possui tradução em italiano, francês, árabe e outras línguas" (Duarte, 2020, p. 170).

Esse reconhecimento é um testemunho da força e relevância dessas obras, que ressoam com leitores de diferentes contextos e culturas. Em suma, *Feminismo e Literatura no Brasil* é uma obra fundamental para entender a contribuição das escritoras feministas brasileiras. Duarte oferece uma análise perspicaz e abrangente, destacando como essas autoras têm usado a literatura para questionar e transformar a sociedade. Ao explorar a evolução do feminismo literário no Brasil, Duarte ilumina as complexas interseções entre gênero, raça e classe, e celebra a resiliência e criatividade das mulheres que têm desafiado as normas estabelecidas através de suas obras.

Heleieth I. B. Saffioti, professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e autora de *O poder do macho*, examina em seu artigo a complexidade e a necessidade de se precisar conceitos relacionados à violência, especialmente a violência doméstica, familiar e de gênero. Saffioti aponta que essa necessidade não surge apenas das discussões presentes na literatura especializada, mas também da falta de consenso e da confusão entre diferentes formas de violência, como o sacrifício ritualístico.

Ela observa que a expressão "violência doméstica" é frequentemente usada como sinônimo de "violência familiar" e, muitas vezes, de "violência de gênero". Para esclarecer esses termos, Saffioti explora o conceito de gênero, que vai além de uma simples categoria de análise. Gênero, segundo ela, é também uma categoria histórica

que abrange diversas instâncias: símbolos culturais, conceitos normativos, organizações sociais e identidade subjetiva, como destacado por autores como Lauretis (1987) e Scott (1988).

Cada feminista tende a enfatizar diferentes aspectos do gênero, mas há um consenso limitado de que gênero se refere à construção social do masculino e do feminino. Saffioti aponta que o conceito de gênero não necessariamente explicita desigualdades entre homens e mulheres, e pode até ser visto como neutro, conforme argumentado por Scott (1988). No entanto, ela ressalta que essa neutralidade aparente pode ser problemática, pois não inclui desigualdades e poder como elementos necessários, o que diferencia gênero de conceitos como patriarcado, androcentrismo e falocracia.

Para Saffioti, é crucial considerar gênero na modalidade com primazia masculina, embora isso não signifique aderir à neutralidade do conceito. Ela sugere que, em certas perspectivas, o conceito de gênero pode revelar a dominação-exploração mais amplamente do que os termos que explicitamente marcam a presença masculina.

O artigo de Saffioti, portanto, enfatiza a importância de uma compreensão precisa e diferenciada dos conceitos de violência doméstica, familiar e de gênero para possibilitar uma interlocução eficaz e profícua. Ao abordar a construção social do gênero e suas implicações nas relações de poder, Saffioti contribui para a discussão sobre as formas de violência que afetam de maneira desigual homens e mulheres na sociedade.

2.3 A voz da opressão no conto Maria de Conceição Evaristo

Através da personagem de Maria, Evaristo ilumina as injustiças enfrentadas por muitas mulheres negras na sociedade contemporânea. A personagem é um símbolo da luta contra um sistema que historicamente marginaliza e oprime. O desfecho trágico do conto serve como uma denúncia das realidades brutais e das desigualdades que persistem.

A escrita de Conceição Evaristo, com sua profundidade e habilidade para retratar as complexas intersecções de raça, gênero e classe, é uma voz poderosa na literatura afro-brasileira. Sua obra chama atenção para as experiências de mulheres

que, apesar de subjugadas, continuam a resistir e a lutar por reconhecimento e dignidade.

Assim, ao analisar o conto "Maria", compreendemos que a narrativa evaristiana não só expõe as dolorosas realidades das personagens, mas também nos convida a refletir sobre a necessidade urgente de combater as opressões estruturais que continuam a afetar tantas vidas. A ficção de Evaristo, rica em emoção e realismo, desempenha um papel crucial ao dar voz aos silenciados e ao nos desafiar a questionar e a transformar nossa sociedade.

No início do conto, a narrativa em terceira pessoa traz à cena a situação vivida por Maria. A partir das informações iniciais, compreendem os aspectos da vida da protagonista, como sua classe social, profissão e relação com os filhos.

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão? (Evaristo, 2016, p. 39-40)

Esse trecho inicial denuncia a difícil condição de vida enfrentada por Maria, uma realidade comum para as classes populares: horas cansativas à espera do transporte público e o alto custo das tarifas para quem tem um orçamento limitado. Além disso, Maria é empregada doméstica, o que é evidenciado pelos restos de comida da festa na casa de sua patroa. Esse detalhe destaca o abismo econômico e social entre Maria e sua patroa, provavelmente de classe média alta.

A tessitura narrativa de Evaristo apresenta a reescrita de um processo histórico, e político, constituído por mulheres e homens negros. Trata-se do mecanismo de resistência discursiva, denominado reescrita, no qual a própria elaboração de Evaristo é uma forma de resistência, pois ela usa o poder adquirido pelo domínio do discurso “para colocar em foco sua condição de mulher, de negra, de pobre” (Silvestre; Feldman, 2015, p. 109).

Ao ressignificar a existência das mulheres negras nos textos, de expor situações nas quais as mulheres são subjugadas, silenciadas, Evaristo denuncia as diversas formas de violência vivenciadas por seu povo. A escritora se apoderou “do

discurso acadêmico para utilizá-lo como forma de resistência, ou, pelo menos, de questionamento para a mulher negra e pobre do Brasil” (Silvestre; Feldman, 2015, p. 104).

2.4 Contos “Olhos d’água” e “Maria”

O principal critério para a seleção dessas narrativas foi a evidência de uma escrita que destaca de forma verossímil e poética as vivências do povo negro, especialmente da mulher negra, na sociedade brasileira atual. Partindo de um ponto de vista de quem fala por si e pelo seu povo, de quem sofreu ou presenciou diversas formas de opressão, essas histórias representam e denunciam a violência, a marginalização da identidade feminina negra e o processo de exclusão social ao qual as afrodescendentes vêm sendo submetidas há tempos em nossa sociedade.

Além disso, evidenciam e valorizam aspectos da cultura negra, apresentando uma possibilidade esperançosa ao vislumbrar, por meio das personagens, uma outra realidade, um futuro com mais igualdade e justiça social. No conto “Olhos d’água”, encontramos uma narradora inquieta e aflita com o fato de não recordar a cor dos olhos de sua mãe. Em um diálogo consigo mesma na tentativa de resgatar suas memórias, é notável o sentimento de admiração, respeito e cumplicidade entre filha e mãe.

Mesmo partindo de histórias de dor e sofrimento, como evidenciado no fragmento: “lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento” (Evaristo, 2016, p. 16), Evaristo constrói uma imagem positiva da mulher negra. Com uma linguagem que valoriza, destacando, por exemplo, o cabelo crespo de uma forma que foge dos estereótipos culturalmente construídos. Isso é perceptível quando a narradora descreve algumas características físicas de sua mãe: “da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... a verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela...” ou quando relata uma brincadeira comum em sua infância, quando a mãe é tida como uma “boneca negra para as filhas” (Evaristo, 2016, p. 16).

Joice Berth (2019) fala do constrangimento sofrido pelas mulheres negras que, desde a infância, têm o cabelo como um fardo difícil de carregar, pois, seja qual for a escolha estética ou os cuidados com seus cabelos, “[...] os preconceitos raciais, estereótipos e clichês que foram implantados com a finalidade de ridicularizar esse

atributo permanecem solidificados no senso comum da opinião pública e necessitam de um árduo trabalho de resignificação para libertar mulheres negras dessas estratégias de desqualificação da estética negra” (Berth, 2019, p. 116).

Considerando a estética como um dos pilares do empoderamento da mulher negra, a autora ressalta a importância de movimentos e narrativas que enaltecem o cabelo crespo, a cor da pele e outros traços fenotípicos como formas de enfrentamento ao racismo. É fundamental que as mulheres negras amem e tenham orgulho de seus cabelos, gerando uma imagem positiva de si mesmas, colocando em prática a autodefinição, conceito defendido por Patrícia Hill Collins, para desconstruir e desnaturalizar a imagem das pessoas negras construída historicamente pelo discurso hegemônico.

O conto "Olhos d'água" aborda de forma simples e poética, por meio de memórias, elementos da cultura africana, tais como: a contação de histórias, a música, a dança, a valorização da ancestralidade e do sagrado. Isso é evidenciado na descoberta da narradora, quando, na alegria do reencontro, descreve de que cor eram os olhos de sua mãe: “Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum” (Evaristo, 2016, p. 18-19).

No conto "Maria", temos novamente como protagonista uma mulher negra, pobre e mãe solo, que diariamente luta para sobreviver e cuidar dos seus filhos. Logo no início da narrativa, somos impactados pela dimensão da opressão sofrida por Maria, que, após mais um dia de trabalho árduo, enfrenta a dificuldade de retornar para casa feliz, apesar de tudo: “No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos: o osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, que a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço” (Evaristo, 2016, p. 40).

Após muito esperar, a personagem entra em um ônibus e, inesperadamente, se depara com seu ex-companheiro e pai de um de seus filhos, com quem, por um tempo, dividiu um passado de dores e sonhos. A personagem é então tomada por um misto de sentimentos entre saudade, mágoa e a frustração pelo destino que a vida lhe reservara. E, mesmo diante de tamanha desilusão, não deixa de vislumbrar uma vida

melhor para seus filhos: “Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente” (Evaristo, 2016, p. 40).

Essa análise literária revela como as narrativas de Conceição Evaristo oferecem uma visão complexa e rica da experiência da mulher negra no Brasil contemporâneo. Ao explorar temas de memória, resistência e identidade, Evaristo não apenas denuncia as injustiças e opressões históricas e contemporâneas, mas também celebra a resiliência e a força da cultura e das tradições afro-brasileiras. Sua escrita é um poderoso ato de resistência e uma afirmação da dignidade e do valor das vidas negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os escritos de Conceição Evaristo ultrapassam os limites da poesia ou da ficção, transformando-se em testemunhos das violências, angústias e injustiças de uma sociedade enraizada no racismo. Dessa forma, o texto literário em questão funciona como um documento histórico, um discurso de resistência que aborda problemas sociais contemporâneos no contexto da modernidade/colonialidade por meio de uma memória centrada na perspectiva afrodescendente. Isso expõe questões persistentes que têm origem nas relações de poder colonial ainda presentes nos dias de hoje.

A resistência, nesse contexto, implica uma oposição ao discurso predominante e à historiografia oficial, atravessada pelas experiências, sensibilidades e afetividades dos corpos ocultados nas grandes narrativas históricas. Na particularidade da escrita de Evaristo, o resgate das memórias de mulheres negras se conecta por um fio ancestral, afetivo e de cumplicidade com mulheres negras escravizadas e com a manutenção do sistema que as oprime na contemporaneidade. Esse exercício da memória se torna uma força política na proposta da escrevivência, pois Evaristo não escreve apenas sobre si mesma, mas sobre um coletivo, com o objetivo de resgatar a dignidade e fazer justiça aos corpos escravizados, injustiçados e assassinados no cotidiano, transformando-se, assim, em um discurso de afeto e de denúncias históricas.

Evaristo recorre à coletividade, às vozes das mulheres negras silenciadas, e nas trilhas da consciência é possível realizar esse resgate que o discurso histórico tentou apagar. A memória, como uma tática de resistência mediada pela possibilidade de uma narração alternativa (ou narração do "outro") que a literatura permite, deixa essa ferida aberta com o intuito de causar desconforto com histórias como a da protagonista homônima do conto "Maria".

Evaristo irrompe e ocupa esse espaço de possibilidades e, em seus processos de rememoração, tensiona os limites entre o "texto literário" e o "texto histórico", pois sua narrativa serve como um documento/registro de vida e experiências suas e de um coletivo, trazendo à tona os problemas sociais que os corpos negros e, especificamente, a mulher negra enfrentam no cotidiano. Isso se manifesta nas estruturas de poder inauguradas nos processos de colonização e que perduram até hoje, ferindo o corpo e a autoestima da mulher negra.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Orgs.). **Atlas da violência 2019**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Rio de Janeiro: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Seção 1, p. 1.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

DAVIS, Angela Y. **A liberdade é uma luta constante**. Organização Frank Barat. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2018.

DUARTE, Constância Lima. **Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da escrevivência**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 134-150.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Escrevivência, quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 74-94.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. p. 116.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

SILVESTRE, Nelci Alves Coelho; FELDMAN, Alba Krishna Topan; MILAN, Cleia Garcia da Cruz. **Identidade comunitária e histórica do negro em Sou negro, de Solano Trindade, e Negro, de Langston Hughes**. Revista Temporis [Ação], v. 15, n. 01, 2015. p. 97-116

SILVESTRE, Nelci Alves Coelho; FELDMAN, Alba Krishna Topan. **Estratégias de resistência, sobrevivência e continuidade no discurso de grupos étnicos colonizados: reflexões teóricas**. In: FELDMAN, Alba K. T.; MUNHOZ, Ruan F.

(Org.). Perspectivas multiculturais e pós-coloniais: irrompendo a literatura convencional. Maringá: UEM, 2020. p. 31-55.

VILAÇA, Mônica. **Uma leitura de *O poder do macho*, de Heleieth Saffioti**. In: Dossiê: Lutas Sociais, São Paulo, vol.23 n.43, 2019. p.319-321